

UM CONTO DE NATAL DE
ROBERTO DENSER



O ITEM MAIS PRECIOSO

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE
ROBERTO DENSER

O ITEM MAIS PRECIOSO

“Qual o item mais valioso da sua coleção?”

Ronaldo estava começando a ficar entediado com a forma evasiva com que Durand havia respondido suas perguntas até ali. Ele tinha suas razões. Após vinte anos entrevistando ricos e famosos para a revista *Prisma*, criara uma lista decrescente com os tipos de personalidades que mais odiava entrevistar. Em primeiro lugar estavam os astros do rock; em segundo, os artistas novatos em ascensão; e em terceiro, é claro, os velhos podres de rico. Durand era do terceiro tipo, um ricoço sem tempero, sem conquistas, sem história. Caso morresse naquela noite, o obituário comunicaria na manhã seguinte apenas uma frase: Morre herdeiro recluso e místico, o colecionador de raridades Leonardo Durand. Um obituário que faria milhares de pessoas ao redor do Brasil se perguntarem: Quem?

Ronaldo respirou fundo tentando esconder a impaciência. Naquela véspera de Natal tudo o que queria era terminar aquela entrevista o mais rápido possível e dirigir de volta pra casa a tempo de roer os ossos

do peru, mas Durand, com aquela forma lenta e meditativa com a qual elaborava respostas entediadas sobre qualquer assunto, não estava ajudando. Ronaldo entendia que ele não era um homem muito preocupado com o tempo alheio, e o amaldiçoava por isso.

Responde, velho filho da puta, pensava, olhando com o rabo do olho o gravador de voz do iPhone com desespero crescente, e em seguida para Durand, que fumava, calmamente, recostado em sua poltrona de couro, um cachimbo Dunhill que deveria valer mais do que o seu salário mensal.

Durand soltou uma baforada.

“Que tipo de valor?”, perguntou com sua voz grave.

Ronaldo quis terminar a entrevista ali mesmo. Mandá-lo enfiar a sua coleção inteira naquele cu largo de bicha velha, mas limitou-se a sorrir e responder:

“Mais raro, talvez? Ou talvez o que o senhor goste mais... não sei, o que vale mais din—”

“Dinheiro?”, Durand interrompeu com desdém. “O item mais valioso da minha coleção não vale um único centavo de real.”

Voltou a focar no cachimbo.

Ronaldo não perdeu tempo” “E qual seria?”, perguntou.

Durand o encarava sem responder, segurando o fornildo e chupando a boquilha do cachimbo como provavelmente devia fazer com a pica dos novinhos que, era notório, costumava levar para conhecer a sua coleção de bizarrices místicas.

Meu deus do céu, seu velho arrombado, é Natal! Minha esposa preparou um peru, meus sogros estão lá em casa, a boneca da Elsa que minha filha pediu de presente está no banco de trás do carro. Por favor, seu riquinho grotesco de merda, saco de câncer, seu vagabundo inútil, por favor, responde logo as porras das minhas perg—

“Vou lhe mostrar”, disse Durand, levantando-se da poltrona e aparentemente aborrecido. “E só depois explico.”

Ronaldo estava quase chorando de raiva, contudo, mais uma vez usou de todo o seu profissionalismo para fingir entusiasmo e interesse. Decidiu que não importava o que seu editor diria quando recebesse a transcrição, aquela seria a última pergunta que o velho lhe responderia.

“Venha comigo”, disse Durand.

Saíram do escritório e atravessaram a biblioteca — e embora fosse uma biblioteca impressionante e “cheia de raridades”, como Durand havia dito quando passaram por ela a caminho do escritório, Ronaldo achava um absurdo que alguém, em pleno ano de 2023, estivesse tão determinado a manter uma biblioteca daquela magnitude em sua residência. *Só mais uma excentricidade de rico*, pensou, ainda admirado.

Ao invés de irem em direção à saída da biblioteca, Durand entrou por um dos corredores e o levou até uma porta de madeira apodrecida que ficava ao fundo. A porta contrastava com todo o resto da mansão, e aquilo pegou Ronaldo de surpresa.

“É aqui que fica o item mais valioso da minha coleção. Você deve estar se perguntando por que eu, com todo o meu dinheiro, mantenho uma porta velha e podre em minha casa, certo? Na entrada de um cômodo que guarda tamanha preciosidade...”

Ronaldo dessa vez não conseguiu disfarçar seus pensamentos.

“Sim, senhor Durand. Era exatamente o que eu estava me perguntando.”

Durand assentiu e apontou para a porta com a cabeça.

“É uma porta mágica”, disse. “Só quem pode abri-la sou eu.”

Ronaldo tentou identificar se aquilo era alguma piada e até ensaiou um sorriso, mas como Durand não deu nenhum sinal de que aquilo era de fato uma piada, permaneceu sério.

“Vamos, tente abrir. Não está trancada.”

Ronaldo não argumentou. Colocou a mão na maçaneta, uma bolota dourada em forma de crânio, e a girou com facilidade. A seguir, empurrou a porta com ar triunfante, mas para sua surpresa ela não se moveu um único milímetro.

“Força, rapaz. Você é tão jovem. Tente com o ombro.”

Ronaldo obedeceu. Primeiro a empurrou com mais força, depois apoiou o ombro e jogou todo o seu peso sobre ela. Nada. Era impressionante.

“É essa porta?”, perguntou Ronaldo, já quase ofegante. “Seu item mais valioso?”

Durand negou com a cabeça e prendeu o cachimbo no canto da boca com os dentes.

“Não”, disse. “É o que está depois dela.”

Com a mão direita livre, ele encostou na maçaneta e a girou com tranquilidade. A porta deslizou com a mesma suavidade com a qual um pedaço de manteiga deslizaria em uma chapa quente. Ronaldo ficou tão impressionado que até esqueceu do Natal.

“Está um pouco úmido e escuro”, disse, “mas é melhor assim. Não quero ninguém vindo aqui, nem mesmo pra fazer uma instalação elétrica. Nada. Apenas quatro pessoas estiveram nessa sala. Você é a quarta. A primeira sou eu.”

Ronaldo sentiu um calafrio, mas não respondeu. Apenas se perguntou o que diabos estava prestes a ver, e sentiu-se, isso é certo, privilegiado por estar em vias de conhecer algo tão raro. Era o seu instinto de jornalista, adormecido depois de anos entrevistando gente cuzona, que parecia finalmente estar dando algum sinal de vida.

“Pode ligar a lanterna do seu celular”, disse Durand, o que Ronaldo fez com alguma pressa.

Caminharam por um pequeno corredor e então saíram em uma sala circular, não muito grande, mas úmida e escura, de aparência quase medieval. No centro havia uma mesa cheia de instrumentos de ferro sujos ou enferrujados. Ronaldo reconheceu com pavor alguns deles: chicotes, tenazes, estacas, instrumentos de tortura medieval e, bem ao centro, a porra de uma espada.

Ele olhou com apreensão para Durand, calculando que, se aquele velho maluco tentasse alguma coisa, ele certamente conseguiria dar conta dele.

Eu tenho menos da metade da idade desse velho, pensou. Se ele se engraçar com alguma dessas merdas eu não vou querer saber se ele é rico ou está com um pé na cova, vou simplesmente lhe encher de porrada e cair fora. Depois faço uma publicação na internet denunciando esse maluco por tentativa de homicídio ou assédio sexual.

Mas por via das dúvidas Ronaldo se manteve a uma distância que considerava segura de Durand.

“Ali no canto”, disse ele, apontando para a parede. “Laval.”

Ronaldo ia perguntar “Laval?”, mas ao invés disso jogou a luz da lanterna do celular na direção em que ele apontava e sentiu o seu coração descompassar inteiro dentro do peito. Na parede, com grilhões presos nos tornozelos, nos pulsos, no pescoço, e usando uma máscara de ferro que cobria a região da mandíbula, estava um homem nu.

Embora vários pensamentos lhe ocorressem, e um deles fosse sair correndo dali o mais rápido possível, Ronaldo manteve a luz da lanterna do celular sobre o homem. Ele estava claramente vivo, respirava, embora o estado do seu corpo não fosse lá dos melhores: pálido como se não visse a luz do sol há anos, magro como se já não se alimentasse por igual período, cheio de cicatrizes e queloides de diversas formas espalhados pelo corpo.

“Henry Laval”, disse a voz grave de Durand ao seu lado. “Este é o item mais valioso da minha coleção.”

Ronaldo tentou articular alguma pergunta, mas nenhum som saiu de sua garganta.

“Monge francês, alquimista, bruxo. Imortal.”

Durand caminhava tranquilamente em volta da mesa, a mão acariciando de leve os instrumentos de tortura.

“Eu o comprei do Vaticano, quer você acredite ou não.”

Ronaldo olhava para o homem preso à parede com horror e percebeu que seus olhos o encaravam de volta com tranquilidade. Eram olhos azuis muito claros e, apesar da máscara, Ronaldo identificou uma expressão de desprezo em seu rosto.

“Veja por si mesmo”, disse Durand, erguendo um espeto de ferro extremamente pontiagudo da mesa e entregando-o. Ronaldo percebeu que a sujeira que havia visto ao entrar era na verdade sangue envelhecido.

“O-que, o-que”, disse Ronaldo.

“Não sei. Use sua criatividade. Laval não morre, não se preocupe. Faz trinta anos que tento matá-lo.”

Ronaldo voltou a olhar para o homem, depois para o espeto.

“Eu, eu não vou fazer isso.”

“Como quiser”, respondeu Durand, pegando o espeto e seguindo com ele em direção a Laval. “Neste caso, apenas observe.”

O velho se aproximou do homem preso na parede e apoiou a ponta do espeto bem acima do coração, onde já havia a marca de várias cicatrizes. Segurando o espeto com as duas mãos e usando a força do corpo — uma força que pegou Ronaldo de surpresa —, Durand o enfiou no peito de Laval, que se contorceu de dor e soltou uns grunhidos, mas nada além disso.

Com o coração acelerado e levemente tonto, Ronaldo viu o homem morrer bem diante de si.

“Meu deus, o senhor matou ele”, disse Ronaldo.

Durand fez um gesto com a mão que parecia dizer “bobagem”, e voltou a focar no cachimbo.

“O coração só está parado”, disse. “Se eu retirar o espeto, ele volta.”

“O que, o que...”

“Você deve ter percebido essa máscara que cobre a boca dele, não é? É uma máscara de ferro do século XVI, de quando finalmente conseguiram capturá-lo. Não dá pra ver desse ângulo, mas ela tem uma haste na parte da boca com uma bola de ferro de tamanho adequado o suficiente para que ele seja incapaz de usar a língua. Ela o impede de falar qualquer coisa. Consegue imaginar a razão?”

Ronaldo meneou a cabeça e olhou para Laval.

“Porque Henry Laval é um mago muito poderoso, e sua língua é a língua mais perigosa que jamais existiu. Se por um único segundo ele pudesse articular algumas palavras, nem eu nem você nem qualquer pessoa que cruzasse seu caminho viveria por muito tempo. Entende o que quero dizer?”

Ronaldo não respondeu.

“Henry Laval matou e amaldiçoou reis, papas e generais apenas com a sua língua. Em seu auge era conhecido e temido por todas as cortes da Europa, mas a Igreja fez um ótimo trabalho em apagá-lo da história.

“E-e como conseguiram pegá-lo?”, Ronaldo perguntou, agora completamente interessado pela história.

Durand retirou o espeto do peito de Laval e voltou a colocá-lo, sujo de sangue, sobre a mesa. Ronaldo viu Laval voltar a respirar e abrir os olhos, como se acordasse de um cochilo.

“Cometeu o erro de se apaixonar”, disse Durand, voltando a fumar seu cachimbo. “Era uma armadilha, claro. Uma ideia brilhante de um jovem bispo chamado Clouzot.”

Ronaldo voltou a encarar Laval e viu que seus olhos brilhavam com uma mistura de ódio e tristeza. Ronaldo sentiu vontade de atacar o velho e libertar o homem, mas expulsou o pensamento da cabeça.

“Senhor Durand, creio que com isso terminamos nossa entrevista e—”

“Entendo”, disse Durand. “É noite de Natal. Sua esposa fez um peru e seus sogros estão em casa. Sua filha aguarda ansiosa a boneca da Elsa que está no banco de trás do seu carro. Acertei?”

Ronaldo o encarou com perplexidade. Não conseguia acreditar no que acabara de ouvir.

“Como é possí—?”

“Você deveria tomar um pouco mais de cuidado com o que pensa diante de homens tão velhos e entediados quanto eu, rapaz”, disse Durand calmamente, dessa vez pegando a espada sobre a mesa e a segurando com firmeza pelo cabo.

Ronaldo deu dois passos para trás, olhou mais uma vez para Laval e então saiu correndo em direção ao corredor por onde haviam entrado. Foi só quando chegou na porta que percebeu que Durand a havia fechado ao passar.

É uma porta mágica.

Só quem pode abri-la sou eu.

Mas ele tentou. Com todas as suas forças e esperanças, Ronaldo tentou. A porta não se moveu um único milímetro.

ROBERTO DENSER é escritor, roteirista e tradutor nascido na Paraíba em 1985. Dono de um espírito inquieto, se formou em Direito, mas já trabalhou como açougueiro, vendedor ambulante de sandálias magnéticas, professor substituto e livreiro. Desde a infância, Denser se dedica à prática incessante de leitura e aprimoramento de sua escrita. Na vida adulta, com um estilo narrativo extremamente pungente e impiedoso, costuma digitar seus textos em máquinas de datilografia, assim como seus maiores mestres. Denser é autor de contos, livros e roteiros, e ministra aulas de escrita criativa. Atualmente, reside no Rio de Janeiro com seus dois filhos. *Colapso* (2023) é seu primeiro romance publicado pela DarkSide® Books.

